

“Havia um dar e um tomar – e o que deu recebeu em troca, talvez numa proporção maior do que se pode reconhecer à distância. É provável, mesmo, que a cadeira de Sociologia I teve maior importância para mim do que eu para ela! Entre os últimos cinco anos da década de quarenta e os cinco primeiros anos da década de cinquenta eu encerrara o ciclo de formação e me impusera como um sociólogo de reputação profissional muito sólida. (...) Eu era o ‘professor’, não só no consenso dos estudantes e dos meus colaboradores, como também no meio acadêmico e nos círculos intelectuais. Não obstante, eu me via, de chofre, diante de uma enorme responsabilidade, trabalhando com um grupo de alta qualidade intelectual e estimulado por mim mesmo a por em prática uma competição discreta mas sem quartel. Era como se eu tivesse de enfrentar uma revolução psicológica, moral e intelectual nas circunstâncias mais duras, pois ninguém pretendia ‘abrir guarda’ ou ‘reduzir as exigências’. Os meus assistentes traziam consigo ventos novos que vinham principalmente da França ou da Inglaterra. Eles haviam sido meus alunos e me respeitavam: o que eu lhes dera, porém, fora um mero ponto de partida e o respeito, para ser mantido, deveria ser continuamente reconquistado. No processo de auto-afirmação psicológica e científica, eles impunham, claramente, o peso da renovação que eles configuravam, graças a Lukács, primeiro, a Sartre, em seguida, a Goldman, mais tarde, e a uma pletera de leituras menores, em que se confundiam a ‘nova esquerda’, a ‘contracultura’ e os principais representantes mais recentes da sociologia européia ou norte-americana. Apesar das pequenas diferenças de idade, eles surgiam diante de mim e dos estudantes como a *nova geração*. Eu não dispunha de tempo para retomar leituras maciças ou para aprofundar os meus conhecimentos sobre os expoentes das novas tendências filosóficas, sociológicas e socialistas. Por sua vez, os meus colegas mais jovens não simplificavam a coisa para mim. Eles constituíram um círculo de estudos, por exemplo, no qual se associaram sociólogos, economistas e filósofos, que começou por uma análise dos textos de Marx. Eu me vi excluído. Achei natural – pois eu era o ‘professor’. Tampouco me ralei, já que tinha muito o que fazer. Contudo, ficava delineada uma situação: os ‘novos’ vinham a todo vapor tinindo como nós os mais velhos gostaríamos que eles fossem. Quanto a mim, ou eu me condenava a um precoce ocaso, ou teria de suplantar-me. Às vezes eu tinha vontade de rir por dentro. Na pesquisa sobre a empresa industrial, por exemplo, alguns elementos mais jovens opuseram tenaz resistência a certas ‘técnicas’ tradicionais, como o estudo de caso. Ora, eu me lembrava de Lenin usando questionários e levantamentos empíricos com o maior empenho para conhecer o estado das opiniões políticas e ajustar a orientação prática de um partido revolucionário! O contraste parecia-me chocante e amargo. A questão de fundo, todavia, ficava de pé. De uma hora para a outra eu me arriscava a converter-me numa variante do arcaico ‘professor catedrático’ ou poderia encarnar a tão denegrida ‘posição empírico criticista’. O que quer dizer eu tinha de recomeçar, gostasse ou não, reciclando a minha concepção de sociologia e redefinindo o que eu vinha admitindo como sociólogo. Esse, em suma, foi o quinhão que me tocou na revolução mental que a reconstrução da cadeira de Sociologia I provocou dentro de mim. Diante de um grupo orgânico de sociólogos-pesquisadores, os quais se dispunham a interpretar o Brasil e a periferia do mundo capitalista à luz de novas categorias sociológicas, eu precisava refazer as minhas metas para ter o direito de continuar à testa do grupo.” (FERNANDES, 1977: p. 190-191)

---

<sup>1</sup> \* Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História. Doutoranda. Bolsista CNPq.

Em 1958, um grupo de jovens professores assistentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP) passa a se reunir para ler *O Capital* de Karl Marx. Dentre outros, José Artur Giannotti, Fernando Henrique e Ruth Cardoso – já casados, há seis anos – Fernando Novais, Octavio Ianni, Paul Singer, Roberto Schwarz. Como a maioria dos grupos de estudos, os componentes tinham laços de amizade anteriores à esta associação, e mesmo à entrada na Faculdade, tendo freqüentado associações culturais ou políticas em comum, dentre as quais podem se destacar a Biblioteca Mario de Andrade e o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Ruth e Fernando Henrique Cardoso eram freqüentadores da Biblioteca Mario de Andrade, onde chegaram a namorar; Giannotti os conheceu lá e estabeleceu com ambos forte amizade (GIANNOTTI, 2005: 1). Paul Singer, Bento Prado Jr., Roberto Schwarz – ainda que não tenham estabelecido vínculos fortes anteriormente à entrada na Faculdade – freqüentaram reuniões e eventos culturais promovidos pelo PSB (CEVASCO; OHATA, 2007, p. 340). Como se trata de uma exposição condensada, não podemos explorar este ponto, mas vale a menção: na São Paulo de fins dos anos quarenta e início dos cinquenta o circuito político e intelectual era bastante circunscrito à região central da cidade, que concentrava experimentos culturais diversos, e, dentre eles, ganharia aos poucos centralidade, a FFCL-USP.

Como também é comum entre grupos de estudos, convidamos mais pessoas, por quem guardamos alguma estima, e que acreditamos ter afinidades com os propósitos e contribuições a oferecer para a realização deles. E assim foi. Alguns mais jovens, ainda alunos, mas já destacadas promessas, também participavam das reuniões, Bento Prado Jr., Francisco Weffort, Michel Löwy, Gabriel Bolaffi, Roberto Schwarz. Fernando Novais convida seu ex-aluno, Paul Singer, e por suas mãos também tenha se uniu a eles – Juarez Rubens Brandão Lopes e Sebastião Advíncula da Cunha (BASTOS, 2006: 96).

Se o grupo “parecia não ter muita repercussão na universidade” (MARTINS, 2008: 3), é certo que sobre alguns ele exerceu uma atração. O “pessoal que ficou de fora e queria entrar ficou muito irritado e a solução encontrada foi organizar outros grupos. Também tentamos ampliar o nosso, mas não deu certo”, segundo Fernando Novais (MORAES, 2000: 126). Nos típicos trocadilhos da linguagem marxista, Roberto Schwarz ironiza: “Qual a origem do seminário?” Como “tudo que é antediluviano, ela é nebulosa e há mais de uma versão a respeito”. (SCHWARZ, 1998: 100). O mesmo

talvez possa ser dito a respeito do grupo paralelo que se formou. Seus possíveis componentes foram: “Ruy Fausto, que ficou pouco tempo, e era de um grupo trotskista dissidente de que também participava o Leôncio Martins Rodrigues”, Emilia Viotti (MORAES, 2000: 126). Estavam também Marilena Chauí, Sérgio Ferro, Francisco Weffort, Lourdes Sola, Cláudio Volga, Albertina Costa, Paulo Sandroni, Beth Milan e Roberto Schwarz. Possivelmente ele e Weffort tenham frequentado ambos, posto que eram mais jovens e são mencionados pelos dois grupos (SADER, 1996). Outro indício disso é a declaração de Paul Singer, a respeito de ambos: “Roberto e várias outras pessoas, o Weffort e etc. tentaram entrar mas já pegaram o bonde andando, nós já estávamos nos reunindo há meses, então estavam realmente difícil de assimilar tudo aquilo que já tínhamos acumulado em termos de estudos comuns, então eles deixaram o grupo depois de algumas reuniões e formaram o grupo próprio deles e começaram do bê-á-bá, o que era correto.” (MONTERO, 2009: 82).

Apesar de tantos interessados, o “núcleo duro” de leitores permanentes e unidos desde o início das atividades foi bastante restrito e é identificado por meio da recorrência dos agradecimentos das publicações da época que resultaram das atividades de leitura. A saber: José Arthur Giannotti, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Fernando Novais e Roberto Schwarz (GIANNOTTI, 1960: 60). Ainda que não seja o objeto desta apresentação vale mencionar a este respeito: todas as teses de doutorado trataram das relações entre capitalismo e escravidão, com exceção de Giannotti, por razões ligadas tanto à natureza de sua disciplina, a Filosofia, na qual o impacto da centralidade da cadeira de Sociologia I e de Florestan Fernandes, ocorreria de modo diferente.

A composição social do grupo assemelha-se ao perfil de recrutamento dos alunos da Faculdade de Filosofia, em suas duas primeiras décadas de existência, salvo a exceção de que nesta as mulheres eram proporcionalmente mais presentes que nele (LIMONGI, 2001). Uma descrição social sumária do grupo assinala a presença de procedentes de famílias imigrantes: José Arthur Giannotti e Octavio Ianni são descendentes de famílias italianas estabelecidas no interior de São Paulo; Roberto Schwarz e Paul Singer, de família judia estabelecida na capital. Os brasileiros, Fernando Henrique e Ruth Cardoso, e Bento Prado Jr., tinham procedência de “elites empobrecidas, de famílias ligadas à burocracia estatal (civil e militar), ao magistério

secundário e ao desempenho de encargos intelectuais e culturais”; Fernando Novais era filho de professor primário que ascendeu a inspetor (MICELI, 1999). Também na morfologia do grupo encontramos, portanto, as oportunidades oferecidas pela cidade de São Paulo.

Tem sido recorrente em estudos da vida intelectual alguma ênfase no fenômeno da competição e concorrência entre concepções distintas da modalidade mais legítima de definição disciplinar (MICELI, 2001; PONTES, 1998; PULICI, 2008). A pesquisa dedicada a este grupo de estudos encontra, no entanto, em detrimento da competição, a colaboração. Entre os membros daquele “núcleo duro”, parece vigorar a convergência de esforços coordenados com o objetivo de ler *O Capital*, mobilizando os melhores recursos que cada um dispusesse em termos de formação disciplinar ou conhecimento específico: Giannotti é mentor do método de leitura, Roberto Schwarz possui domínio da língua alemã, pré-requisito para realização deste tipo de leitura, Paul Singer, além deste domínio, é convidado por ser economista. A concorrência / competição parece ter sido expulsa do grupo por meio da sedimentação de laços entre um representante de cada área. Assim, se Bento Prado Jr. e Giannotti – ambos da Filosofia – estavam no início das atividades, apenas o segundo permaneceu; também não há outro crítico literário, a não ser Schwarz, nem outro historiador, a não ser Fernando Novais. Ainda que tenha levado outros economistas ao grupo, estes eram visitas esporádicas, Paul Singer permaneceu ligado ao grupo. Se tanto Fernando Henrique Cardoso quanto Octávio Ianni estiveram ligados ao grupo, a troca recíproca de influências, foi muito mais forte no primeiro que no segundo.

A configuração que se forma favorece a colaboração interna, e confere a todos um atributo exclusivo, que atija a competição de seus pares nas respectivas áreas, mas não no interior do grupo. Três elementos merecem realce aí: a busca por um atributo *exclusivo* em que os grupos em geral delimitam sua identidade – no caso, uma leitura acadêmica, metódica e não partidária d’*O Capital*; a associação constituída por *um membro “cada disciplina”*; e a relação de *eleição* que cada um deles estabeleceu com seu mestre. Roberto Schwarz se formou como discípulo de Antonio Candido, na crítica literária; Fernando Novais, de Eduardo d’Oliveira França, na História; José Arthur Giannotti, de Gilles Gaston-Granger, na Filosofia; Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni, de Florestan Fernandes, na Sociologia.

A compreensão da interdependência intelectual e afetiva estabelecida por esse grupo de estudos pressupõe, desse modo, a investigação tanto horizontal, entre eles-iguais quanto vertical, entre eles-desiguais. Dito de outro modo, a associação não se torna inteligível sem a consideração cuidadosa da relação magistral, posto que se constitui de alunos diletos, discípulos de seus respectivos mestres. A seguir, selecionamos elementos mais relevantes de para uma análise desta relação entre Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso para esboçarmos uma hipótese a respeito dos investimentos profissionais do segundo, no que se refere à leitura de Marx.

Em 1958, quando os jovens começaram a se reunir, há apenas quatro anos, Florestan Fernandes era catedrático regente da cadeira de Sociologia I, deixada por Roger Bastide, que tinha retornado à França. E estava no epicentro de significativas rotações da vida institucional da faculdade, promovidas por suas investidas para conferir uma fisionomia própria às atividades da cadeira.

Comparando o perfil de recrutamento das cadeiras de Sociologia I e II, Carolina Pulici observou que “a pertença aos antigos círculos oligárquico-aristocráticos brasileiros foi comum à primeira geração de professores brasileiros alojados na Cadeira de Sociologia II” (PULICI, 2008: 124); ao passo que, de meados dos anos 1950 esses grupos não mais se reproduzem no interior da Faculdade. Estabelecendo o contraste até a reforma universitária de 1969, a assertiva tem sua veracidade no contraponto com a Sociologia I, que privilegiaria membros de camadas médias baixas em ascensão, arrimos de família; em suma, “alunos pobres” para os quais “a disciplina no trabalho e a oportunidade de cursar a Faculdade de Filosofia” eram “dois critérios em que a capacidade de realização individual é a medida determinante das coisas” (PULICI, 2008: 144). A contrapartida em termos de definições concorrentes a respeito do *métier* sociológico encontra-se no contraste entre temas e problemas, enquanto a Sociologia II abriga mais diversidade de interesses, comporta a sociologia rural em fase de constituição, e tem inclinações artísticas e humanísticas, a Sociologia I se ocuparia de temas voltados para o desenvolvimento e o Brasil moderno, na chave da sociologia científica.

Contudo, examinando a montagem inicial da cadeira de Florestan Fernandes, a consideração acima talvez merecesse um reparo. Restringindo-nos apenas ao contraste estabelecido em termos de perfis sociais, é possível aventar que o bom desempenho

como alunos e o envolvimento em pesquisas durante o curso de graduação tenham sido relevantes na seleção inicial que fez Florestan Fernandes. Dentre as primeiras providências tomadas face à responsabilidade de capitanear a Sociologia I, verifica-se a montagem de um corpo docente composto por ex-alunos seus e ao qual só serão incorporados novos membros a partir de 1961. O procedimento é indicador irrefutável de que é típico de “movimentos comprometidos com ideais de pesquisa científica, diagnose racional e de universalidade”, a “constituição de um pequeno grupo de eleitos em torno do Mestre, com suas expectativas de fidelidade e suas inexoráveis traições” (STEINER, 2010: 151). Há um franco contraste com a cadeira de Sociologia II, no mesmo período (1954-1961) cuja composição assinala laços mais antigos e de amizade entre os membros.

Fernando Henrique Cardoso, auxiliar de ensino desde 1953 passa a ser o primeiro assistente, em 1954. Predileção pessoal, amostra de força e autonomia, e ímpeto por assumir o papel de mestre decerto concorreram para esta invertida de expectativas. A escolha mais “natural” seria Renato Jardim Moreira, marido de Maria Sylvia Carvalho Franco, mais velho e auxiliar de ensino há mais tempo. Segundo Fernando Henrique, a escolha causou “ciúmes”. (BASTOS, 2006: 71). Em 1955, tornam-se assistentes extra-nerários, Octavio Ianni, Maria Sylvia Carvalho Franco e Marialice Mencarini Foracchi. No ano seguinte, o primeiro se elevaria a segundo assistente; em 1959, as duas últimas se tornariam auxiliares de ensino, e, em 1961, assistentes.

Esta composição de docência, mantida até 1961, remonta à turma ingressantes da FFCL de 1949, com exceção de Renato Jardim Moreira, da turma anterior. Eles foram alunos de Florestan Fernandes, enquanto assistente de Roger Bastide, ainda na Praça da República. Excetuando-se Octavio Ianni e Marialice Mencarini Foracchi, os demais participaram com os dois das pesquisas sobre o negro patrocinadas pela Unesco. Decerto, a “capacidade de Florestan em congregar jovens sociólogos competentes e aguerridos, aliada à sua visível predisposição para o debate sobre concepções intelectuais e para a política acadêmica devem ter sido atributos decisivos”(ARRUDA, 1995: 167) – e não há dúvidas de que no convívio da pesquisa coletiva estreitaram-se laços entre o jovem professor assistente e os alunos mais empenhados. Vale assinalar, Florestan não tinha trinta anos quando foi professor deles; entre ele e o aluno mais jovem desse grupo, Fernando Henrique Cardoso, a diferença é de nove anos; entre ele e

o mais velho, Renato Jardim Moreira, a diferença é de apenas seis.<sup>2</sup> Os laços tecidos entre o mestre e esses quatro alunos não podem ser aquilatados sem a consideração da juventude de todos e do crescimento conjunto que azeitou o sentimento de pertença coletiva, fundamental para o empreendimento em torno de um objetivo comum.

Além de seus primeiros assistentes serem todos da mesma turma, vem em auxílio à ponderação que propomos ao contraste com a Sociologia II, também a consideração da composição social do conjunto. Braço direito de Florestan Fernandes e aluno dileto, Fernando Henrique Cardoso nasceu em 1931, no Rio de Janeiro. Primogênito em uma família de militares, qualquer genealogia dedicada a ele “atesta os indicadores de alta origem social e a participação direta de seus ascendentes nos eventos mais relevantes da história do Brasil contemporâneo”. (GARCIA JR., 2010: 96). Ele cresceu em meio a crônicas familiares grandiosas, inculcando-lhe a convicção de que ele e os seus eram personagens em histórias nas quais a maioria das pessoas vê longínquos heróis. Em meio a uma educação refinada e disciplinada, chegou a nutrir na infância o desejo de ser papa (MONTERO, 2009). Traindo a formação sociológica e revelando a social, afirma “meu pai era político. Está no meu sangue” (LEONI, 1997: 44). Coursou o primário e o ginásio entre o Rio de Janeiro e São Paulo, em função de deslocamentos do pai, teve professora particular de francês, algo relativamente comum à época entre famílias abastadas. Coursou o colegial no Colégio São Paulo. Em 1949, presta dois vestibulares, sendo reprovado em um – o latim da Faculdade de Direito; e aprovado em outro, o de Ciências Sociais para a FFCL. Aluno exemplar da Faculdade, antes de concluí-la, precisou da autorização do reitor dada sua pouca idade para tanto, tornou-se professor assistente na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (FCEA-USP), responsável por ensinar História Econômica da Europa. Alguma dificuldade teve de ser enfrentada – “meu inglês era deficiente, tive que me debruçar neles e apanhar muito para poder ler aqueles livros de história econômica da Europa” – mas a pior delas ao que parece dizia respeito aos desentendimentos a catedrática, Alice Canabrava, o que

---

<sup>2</sup> Os respectivos anos de nascimento são: Fernando Henrique Cardoso, 1931; Octavio Ianni, 1928; Renato Jardim Moreira, 1926; Maria Sylvia Carvalho Franco 1930; Marialice Mencarini Foracchi (16 de setembro de 1929 - 30 de junho de 1972). Florestan Fernandes nasceu em 1920. A turma de 1952 da seção de Ciências Sociais da FFCL-USP compunha-se de oito formandos: 1. Maria Neusa Avenia (B/L); 2. Fernando Henrique Cardoso (B/L); 3. Marialice Mencarini Foracchi (B/L); 4. Maria Sylvia Carvalho Franco (B/L); 5. Ruth Villaça Corrêa Leite (B/L); 6. Altair da Silva Macuco (L); 7. Carlos Corrêa Mascaro e 8. Helena Maria Paniza (B/L).

levou ao abandono do posto. (BASTOS, 2006: 71-72). No breve período em que ficou sem alocação na Faculdade, trabalhou numa pesquisa sobre força de trabalho em São Paulo, na Secretaria do Trabalho. Logo Florestan Fernandes o trouxe de volta, ainda que em posição inferior à de assistente, como auxiliar. Declínio que foi compensado pela nomeação que logo ganharia, de primeiro assistentes.

Maria Sylvia Carvalho Franco nasceu no mesmo ano que Fernando Henrique Cardoso, em Araraquara e veio para São Paulo estudar no tradicional *Des Oiseaux*. Seu pai era delegado de polícia e sua mãe descendente dos Pinto Ferraz, família proprietária de terras no interior do estado. Marialice Mencarini Foracchi nasceu em 1929. Era filha de um imigrante italiano abastado (proprietário da empresa Café do Ponto) com uma quatrocentona do Vale do Paraíba, descendente dos Marcondes Ferreira e irmã do proprietário da Companhia Editora Nacional, Octales Marcondes Ferreira. Foi aluna do Colégio Nossa Senhora de Sion e do Instituto Mackenzie. Diferentemente de sua colega, Maria Sylvia Carvalho Franco, Marialice Mencarini Foracchi, antes de se tornar assistente extranumerária de Sociologia I, em 1955; já tinha sido da Cadeira de História e Filosofia da Educação, entre 1953 e 1954. (SPIRANDELLI, 2008: 43-53). Outro elemento a diferenciá-las: Marialice Mencarini Foracchi defende, em 1959, mestrado sob orientação de Laerte Ramos de Carvalho, “Educação e planejamento (aspectos da contribuição de Karl Mannheim para a análise sociológica da educação)”. Já Maria Sylvia defenderia apenas o doutorado, em 1964.

Nessa composição inicial, o único membro que corresponde àquele perfil associado à Sociologia I, aproximando-se da experiência social prévia à entrada na FFCL, de Florestan Fernandes, é Octavio Ianni. Jocosamente apelidado de “italianinho de Itu”, nasceu, em 1926, neste município, em que também fez seus estudos. Seus pais eram imigrantes do sul da Itália e “retiravam o sustento da venda de miúdos na rua com o auxílio de uma carroça”. Tendo cursado regularmente a faculdade em 1949 e 1950, nos dois anos seguintes interrompe a graduação; casa-se, trabalha como assistente de editora na Companhia Editora Nacional, chegando a trabalhar como tipógrafo em Osasco (PULICI, 2008: 133). Florestan Fernandes decerto reconhecia a si próprio nele, “com seu ar sério, tranqüilo, ensimesmado, modesto e retraído, desconfiado”, que levava para a “faculdade contas a saldar com aquele mundo estranho. Um tanto desajeitado ou



esquerdo no reino de palavras e equívocos e de pessoas que ostentavam certa superioridade intelectual ou social” (FALEIROS, 1996: 11-12).

Outrossim, um exame do quadro docente da Sociologia II, entre 1954-1961 – período em que o núcleo duro da equipe de Florestan Fernandes é constituído e mantido, com seus quatro membros – deixa evidente algumas diferenças quanto a faixa etária e relação dos catedráticos com os demais. Os componentes da Sociologia II nesse período cursaram a faculdade em momento anterior ao de Florestan Fernandes, e os laços afetivos que os unem remontam a tais anos. Fernando de Azevedo, o catedrático do setor foi orientador de Antonio Candido, seu primeiro assistente; este era amigo de Ruy Galvão de Andrada Coelho, desde os tempos em que editavam a revista *Clima*, entre 1941-1944, e ambos eram amigos de Maria Isaura Pereira de Queiroz, auxiliar de ensino. Além de mais novos, os componentes da Sociologia I foram colegas de graduação de mesma sala, e, todos juntos, alunos de Florestan Fernandes. As relações de amizade entre iguais de um lado e entre desiguais (alunos / professor) de outro parecem ser relevantes na medida em que a hierarquia notável que articula a Sociologia I não se estabeleceria entre os membros da Sociologia II. A posição de Florestan Fernandes “administrava o desencontro dos assistentes” (MARTINS, 2010: 267). Trata-se de autoridade para coordenar forças que, sem ela, poderiam se fragmentar em interesses diferentes, nas palavras dele próprio: “todos nós dependíamos, para o trabalho em comum, de condições institucionais que não existiam e carecíamos, para diferentes fins, de recursos que não nos eram dados”; para contornar tais condições e fazer render os recursos que alcançassem, estabeleceu-se uma “estrutura de *pequeno grupo*, em que o poder era compartilhado, em vários níveis, e no qual apenas havia concentração de autoridade, que tinha necessariamente de convergir para mim”. Ainda que pequeno, o grupo tinha dois “escalões” de decisão: um primeiro, no qual “participavam comigo Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni; havia, em seguida, um desdobramento da discussão em um segundo escalão, da qual também participavam Marialice Mencarini Foracchi, Maria Sylvia Carvalho Franco” (FERNANDES, 1977: 186).

A equipe de Florestan Fernandes, vale mencionar, não se estabilizou com facilidade. Jânio Quadros, Florestan Fernandes e Mário Schenberg, protagonizaram, respectivamente, na qualidade de governador de São Paulo (1954-1958) e catedráticos das Cadeiras de Sociologia I e Física, uma controvérsia em torno da contratação de

Marialice Foracchi e César Lattes – negadas pelo governador em 1955. Mário Schenberg enfrentou o governador e ganhou, de um lado, a solidariedade da Congregação da FFCL, de outro, a censura do Conselho Universitário pela crítica feita publicamente a Jânio Quadros. No caso da Sociologia, Florestan Fernandes redigiu extenso “Relatório sobre a situação do ensino das Ciências Sociais na USP”, que seria encaminhado ao governador e publicado em *O Estado de S. Paulo*. Tem-se idéia da disposição de Florestan Fernandes em lutar pelo estabelecimento de seus quadros tanto por seu envolvimento nesta questão quanto por sua participação posterior na elaboração de um “Relatório sobre as necessidades urgentes da FFCL”. Realizado por comissão constituída na Congregação, historia a estruturação institucional da faculdade, e as dificuldades de estabelecimento de uma vida própria, regulada pelos agentes que a animam e se submetem ao perfil de trabalho que caracteriza a excelência que buscavam construir. Na impossibilidade de detalhamento dessas investidas, registre-se para o encaminhamento de nossa exposição, o empenho de Florestan Fernandes conjugando os interesses de sua cadeira, batalhando para garantir a segurança e remuneração de todos, aos de conquista de autonomia para a FFCL (ROMÃO, 2006: 98-103).

Em que se pesem dimensões afetivas envolvidas na eleição que estabelece entre mestres e discípulos, é possível identificar alguns condicionantes da mesma confrontando-se os perfis, por assim dizer, do “eleito” com os “possíveis”. Dito de outro modo, haveria alguma particularidade no percurso de Fernando Henrique Cardoso que concorreria para o destacado papel que assumiu junto a Florestan Fernandes? O contraste com o currículo de seus colegas, à altura da escolha dele como primeiro assistente pode auxiliar nesta resposta.

Em 1955, quando os respectivos postos são distribuídos, Fernando Henrique Cardoso é o único deles com titulação: é dele o primeiro mestrado em Sociologia defendido na Faculdade, em 1953, “A evolução da indústria em São Paulo”. Octavio Ianni defende mestrado apenas em 1957, “Raça e mobilidade social em Florianópolis”, resultado de atividades ligadas à cadeira, já como assistente. Marialice Mencarini Foracchi, apenas em 1959, defende o mestrado, “Educação e planejamento (aspectos da contribuição de Karl Mannheim para a análise sociológica da educação)”, numa zona de intersecção disciplinar e sob orientação de Laerte Ramos de Carvalho, de quem tinha sido assistente. Maria Sylvia Carvalho Franco não defende mestrado.

Reunindo os dados biográficos e curriculares apresentados, é possível ressaltar: enquanto Fernando Henrique Cardoso e Maria Sylvia Carvalho Franco participaram, ainda estudantes, da pesquisa a respeito do negro; Marialice Foracchi e Octavio Ianni, não – possivelmente por ter interrompido por dois anos sua graduação. Enquanto Fernando Henrique Cardoso fez mestrado antes mesmo de se tornar primeiro assistente, Octavio Ianni e Marialice Foracchi o fazem apenas no processo de sedimentação da cadeira, em meio às querelas encampadas por Florestan Fernandes para garantir a existência dela, e Maria Sylvia Carvalho Franco só defende o doutorado.

Como assinalou Maria Arminda do Nascimento Arruda, “no setor de Sociologia I”, “está abandonando o antigo doutorado francês para uma concepção ligada ao estilo americano, onde o mestrado é a primeira graduação da carreira” (ARRUDA, 1995: 215). Florestan Fernandes também cumpriu esse padrão. É notável, em seu caso, na seqüência temática e interpretativa o empenho no crescente domínio da matéria disciplinar: “em *A função social da guerra na sociedade tupinambá* o autor faz um exercício de análise; em o *Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na Sociologia* pensa, *a posteriori*, sobre os limites e possibilidades dessa vertente metodológica” (ARRUDA, 1995: 149). Aí fica patente também o sinal dos tempos: “o essencial do período refere-se à constituição dos padrões da carreira universitária, não significando, necessariamente, que as Ciências Sociais possuíssem importância ímpar no interior da reflexão intelectual brasileira” (ARRUDA, 2001: 137).

É factível, diante disso, supor que Fernando Henrique Cardoso tornava-se, então, aluno dileto, por ser entre os seus colegas, aquele que mais se aproximava de Florestan Fernandes em termos de disposição no cumprimento de um padrão de carreira correspondente ao do próprio do mestre. E sendo assim, não surpreende que em determinado momento, com ele rivalizasse com Florestan Fernandes. Sem romper com a relação magistral, mas estabelecendo a tensão da disputa como parte da própria constituição dos papéis de ambos.

A mencionada alteração dos quadros docentes a partir de 1961-1962 deve-se à criação do Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (Cesit), para a qual convergiram os esforços de toda equipe, mas destacadamente, as relações pessoais e políticas azeitadas por Fernando Henrique Cardoso e o suporte teórico oferecido pelas formulações a respeito da sociologia aplicada, por Florestan Fernandes. Ainda que outras chancelas tivessem que ser angariadas, é certo que, sem a presença de Fernando Henrique Cardoso no Conselho Universitário, em 1959,

como representante dos ex-alunos da USP, arquitetando em conjunto com outros grupos a reitoria de Ulhôa Cintra, mais as dotações financeiras conseguidas junto a Confederação Nacional das Indústrias (CNI), cuja direção estava com Fernando Gasparian, amigo de adolescência de sociólogo – dificilmente a cadeira teria feito o centro vingar. Por outro lado, os projetos de pesquisa esboçados tinham a marca inconfundível da sociologia de Florestan Fernandes. Configura-se assim uma espécie de divisão de tarefas em que notavelmente, a rede social de apoio se liga a Fernando Henrique Cardoso e a autoridade especificamente intelectual a Florestan Fernandes. Faltava ao aluno precisamente isso e é factível supor que ele não estivesse satisfeito com isso. O trabalho político lhe custava tempo e ele talvez sentisse o sacrifício da vida intelectual que tal empenho implica. Na conversação estabelecida por carta entre ele e Florestan, quando viajou a França, para temporada junto a Alain Touraine igualmente importante na construção do Cesit, este lhe relata o avanço nas negociações e Fernando Henrique ironiza: “sua eficiência é de tirar o chapéu”. E afirma, então: o senhor viu como “tenho que ‘dar pulos’ para dar conta simultaneamente da minha carreira e da política e da administração universitária.” É um tanto injuriado que afirma ser necessário “enfrentar de forma radical o problema da distribuição de tempo”. E, aceitando ser o diretor do Cesit, não deixa de demarcar: não podemos deixar que o Cesit atrapalhe “os programas pessoais de desenvolvimento intelectual e de cumprimento de nossas obrigações acadêmicas”.<sup>3</sup>

Em 1962, Fernando Henrique Cardoso defendeu, como Ianni, seu doutorado; e esteve entre suas ambições, cumprir o padrão de trabalho de seu mestre, porém, desafiando-o abertamente. Escreveu para a tese uma introdução pela qual lutou pela aceitação dele, não a teve, e também não a retirou. Chegou mesmo a ameaçá-lo, segundo conta, levaria a tese a Lourival Gomes Machado, da cadeira de Política, caso Florestan Fernandes o obrigasse a retirar a tal introdução. Em suas palavras, “O seminário era nossa emancipação intelectual” (BASTOS, 2006: 77) O que continha ela? Nada mais, nada menos, do que a defesa do “método dialético em sociologia”. Tratava-se da primeira tese que procurava aproveitar as leituras do grupo de estudos na abordagem interpretativa. Talvez faça sentido afirmar que no início das atividades dos jovens leitores houvesse algo de fortuito. No entanto, ao transportar as atividades realizadas junto aos amigos para o dever da titulação, de algum modo, esta fortuidade

---

<sup>3</sup> Carta de Fernando Henrique Cardoso para Florestan Fernandes (Paris, 08/02/1962). Fundo Florestan Fernandes – Colesp. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos.

caía nas malhas da concorrência magistral e geracional, estabelecendo a divisa entre os jovens e os velhos, de que fala Florestan Fernandes. Outrossim, Fernando Henrique Cardoso fazia-o em ceara até então exclusiva de seu mestre: o domínio teórico.

Uma apreciação do conteúdo da introdução em confronto com a leitura de Marx encetada por Florestan Fernandes não é possível de ser apresentada nesta exposição. No entanto, nosso propósito pode ser encerrado com uma declaração de Fernando Henrique Cardoso. Sabemos que o mestre é uma construção do discípulo, *a posteriori*, em ocasiões como homenagens, organização de coletâneas, obituários – não existindo “em si” (WAQUET, 2010: 29). Em 1986, na primeira grande homenagem que Florestan Fernandes receberia em vida, seu ex-aluno afirmava:

“Florestan transmitia com freqüência a seus alunos aquele mesmo ardor, aquela mesma vontade terrível de dominar o conhecimento, de mostrar que havia de desenvolver durante toda a vida uma profissão, no sentido de que havia de se dedicar ao que estava fazendo, que era o trabalho mais importante do mundo. O resto não importava. Esta exemplaridade marcou sempre a presença de Florestan. Importa menos saber se a aula dada por ele era um ‘tijolo’ (e era) ou se era amena. O que importa era que ali havia uma *escola*. (...) As aulas de Florestan Fernandes no primeiro ano eram difíceis. Ele nos fazia ler Mannheim, que nós não entendíamos. Quando passávamos de uma aula sobre Mannheim para um curso sobre Durkheim dado pelo professor Roger Bastide, nos parecia que Durkheim era tão claro! Se fosse o professor Antonio Candido que nos explicasse Weber, então era um Weber fascinante. Mas o homem que nos dava impulso para ler tudo isto era Florestan Fernandes.” (D’INCAO, 1987: 24-26)

Dentre os possíveis mestres, Fernando Henrique Cardoso elegeu Florestan Fernandes o seu, como este elegeu-o seu primeiro discípulo e braço direito. Considerando-se a memória algo magoada, algo saudosa de Florestan com que abrimos esta apresentação – “o que deu recebeu em troca, talvez numa proporção maior do que se pode reconhecer à distância. É provável, mesmo, que a cadeira de Sociologia I teve maior importância para mim do que eu para ela!” – é possível supor-se que se ele dava impulso aos seus alunos para enfrentarem as dificuldades, estes também deram a ele impulso correspondente. Em que se pesem circunstâncias de frustração política e profissional do sociólogo, marcantes na elaboração daquele depoimento (RODRIGUES, 2010), particularmente com relação a seus alunos a perspectiva se aproxima do que George Steiner chamou de “tristeza inerente a toda paternidade, nela esta a sombra da traição projetada onde mais se concentra a luz da fidelidade”. Quando a “parceria eletiva entre um mestre discípulo torna-se o eixo da jornada”, tanto o pupilo sofre desesperadamente para corresponder às expectativas do Mestre, quanto este, sofre

desesperadamente ao se realizar na “dependência decrescente do pupilo”(STEINER, 2010: 66).

Aquele que se dispuser a encontrar na ordem dos livros a desordem do coração, e visitar em São Carlos a biblioteca de Florestan Fernandes, transportada e instalada tal e qual sua própria organização, poderá encontrar testemunho irrefutável disso. No interior das seções dela, encontram-se sub-seções e, nestas, prateleiras que, a primeira vista, poderiam ser chamadas de “Sociologia brasileira”. Sem entrar na controvérsia da denominação, e de sua legitimidade, em duas delas, esse hipotético leitor da biblioteca talvez notasse a seqüência e concentração de livros de Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Maria Sylvia Carvalho Franco, Marialice Mencarini Foracchi, Luiz Pereira, José de Souza Martins. O variado leque de temas e problemas a que se dedicou o primeiro – que no momento nos diz respeito – não se traduz na ordem da razão. Estão agrupados seus livros sobre o negro, sobre o desenvolvimento, sobre América Latina, sobre os empresários. Mas nas seções que guardam livros desses mesmos temas, os livros do ex-aluno não se encontram. A disposição dos livros, se não no conjunto da biblioteca, nestas prateleiras, seguia a do coração e, esta, a do ânimo que a relação magistral lhe dava.

#### Referências bibliográficas

ARRUDA, M. A. N. *Metrópole e cultura. São Paulo no meio do século XX*. Bauru: Edusc, 2001.

\_\_\_\_\_. “A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a ‘escola paulista’”. In. MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil. Vol 2*. São Paulo: Sumaré, 1995.

BASTOS, E. R. *et. al. Conversas com sociólogos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2006.

D’INCAO, M. (org.). *O saber militante. Ensaio sobre Florestan Fernandes*. São Paulo: Editora Unesp, 1987.

FALEIROS, M. I. L.; CRESPO, R. A. *Humanismo e compromisso*. São Paulo: Ed. Unesp, 1996.

FERNANDES, F. *A Sociologia no Brasil. Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1977.

GARCIA Jr., Afrânio-Raul. “A dependência da política” In. D’INCAO, M. A.; MARTINS, H. *Democracia, crise e reforma. Estudos sobre a era Fernando Henrique Cardoso*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GIANNOTTI, J. A. “Notas para uma análise metodológica de *O Capital*”. *Revista Brasiliense*, n. 29, maio-junho de 1960.

- \_\_\_\_\_. “Depoimento”. Biblioteca Mario de Andrade. Projeto Memória Oral, 2005.
- LIMONGI, F. “Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo”. In.: MICELI, Sergio. (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*, v. 1. São Paulo: Sumaré, 2001.
- MARTINS, É. L. *Marxismo e universidade no Brasil. Um estudo sobre o ‘Seminário de Marx’*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Economia, Unicamp, 2008.
- MARTINS, J. S. “Luiz Pereira e sua circunstância. Entrevista com José de Souza Martins”, por Conrado Pires de Castro. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, v. 22, n. 1, 2010.
- MICELI, S. (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*, v. 1. São Paulo: Sumaré, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Contra o retrocesso”. *Folha de S. Paulo*, 11 de setembro de 1999.
- MONTERO, P.; MOURA, F. (org.). *Retrato de grupo. 40 anos do CEBRAP*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- MORAES, J. G. V.; REGO, J. M. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- PULICI, C. *Entre sociólogos: versões conflitivas da “condição de sociólogo” na USP dos anos 1950-1960*. São Paulo: Edusp, 2008.
- RODRIGUES, L. S. *Florestan Fernandes: Interlúdio (1969-1983)*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- SADER, E. “Nós que amávamos tanto o Capital”. *Praga*, n. 1, 1996.
- SCHWARZ, R. “Um seminário de Marx”. *Novos Estudos*, n. 50. São Paulo, março, 1998.
- SPIRANDELLI, C. *Trajetórias intelectuais: professoras do Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP (1934-1969)*. Tese de doutorado, Sociologia, 2008.
- STEINER, George. *Lições dos mestres*. Rio de Janeiro: Record, 2010, 2ª ed. Trad. Maria Alice Máximo.
- WAQUET, F. *Os filhos de Sócrates. Filiação intelectual e transmissão do saber do século XVII ao XXI*. Rio de Janeiro: Difel, 2010. Trad. Marcelo Rouanet.